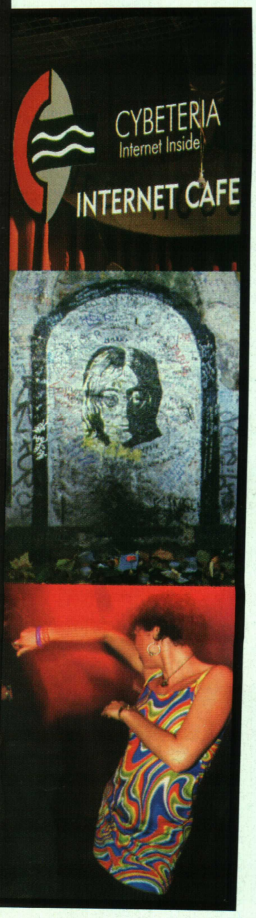

VERY GOOD BUSINESS, VERY GOOD SEX

A noite é agitada. A maioria das casas noturnas não cobra entrada. As mais legais estão no Jo's, o Jo's Garazi e o Jáma (pronuncia-se Iama). O primeiro fica num porão em Little Quarter, logo depois de Charles Bridge. Descendo um lance de escada, você cai num bar, que parece incrustado numa caverna. A cerveja é boa e barata (cerca de R$ 0,80 uma lata de meio litro). Por falar em cerveja (pivo em tcheco), a tcheca tem fama (justa) de ser a melhor do mundo.

A maioria da clientela do Jo's é de estrangeiros que vivem em Praga, principalmente americanos, o que facilita a comunicação. O som é perfeito. Iggy Pop, Clash, Santana. Do Jo's, o lance é cair para o Jáma. Posters de rock decoram o pico. Nas caixas, Hendrix explode. Se a parada for algo mais techno, há o Club (simples, direto e objetivo), onde, lá pela meia-noite, rola um strip de uma go-go girl. O som é meia boca. Michael Jackson e Spice Girls, além de uma coisa chamada Bellini cuja letra diz: "Samba, sol e carnaval" (assim, em português mesmo) e depois repete o nome de algumas cidades brasileiras até encher o saco.

Nas ruas desertas da madrugada, fatalmente o turista é abordado por prostitutas, geralmente imigrantes búlgaras, que repetem sem parar "very good business, very good sex". Pode-se ainda tentar relaxar ouvindo boa música em um jazz club ou, para os mais desesperados, os night clubs da Wenceslas Square (*Vaclavske namesti*).

Praga é isso. Uma cidade que transpira cultura — clássica, pop, cool, trash...— e ainda sente o peso do período comunista. Que é receptiva às novidades da democracia, mesmo receosa. Uma cidade onde você pode assistir a um tradicional espetáculo de marionetes baseado em "Yellow Submarine", dos Beatles, e John Lennon é reverenciado. Onde jazz é tocado sobre uma ponte de 600 anos. Escurece às quatro e meia da tarde no outono e a temperatura mal chega aos dois graus positivos. Um lugar cool, na boa, em todos os sentidos.